

## **Alegre, Manuel (2015). *Bairro Ocidental*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp. 51**

Manuel G. Simões  
(Università Ca' Foscari Venezia, Italia)

A produção poética de Manuel Alegre é por demais conhecida desde que publicou, há cinquenta anos, o seu livro *Praça da Canção* (1965) que, de algum modo, surpreendeu a crítica pela síntese que a sua poesia evidenciava relativamente à grande tradição, sem excluir a poesia oral ou a veiculada pelo romanceiro popular. Basta pensar no grande número de composições intituladas romances, trovas e baladas, convocando, porém, temas contemporâneos, com a actualização histórica de um presente desamado, profeticamente evocado como 'país de Abril'. A par disto, a colectânea representava, no contexto político-social daqueles anos (a ditadura vigilante e ferozmente repressiva), uma ousada intervenção que propunha um novo discurso relativamente ao cânone da poesia portuguesa na segunda metade do século XX.

Vem isto a propósito da recente publicação de *Bairro Ocidental*, título que funciona, desde logo, como metáfora de um país concreto, de que implicitamente se faz aqui a representação histórica, actualizando os elementos referenciais num presente que perpassa por entre as dobras dos poemas: «somos do Sul e o saldo somos nós» («Pátria minha», p. 13). Ou como se insiste no poema que dá o título ao livro e cuja amplitude discursiva ultrapassa as fronteiras geográficas do país: «Não digas pátria: essa palavra está malvista | proibida pelo Império Orçamental. | Eurogrupado: tu e os maus da fita | filhos do Sul e do pecado original» («Bairro ocidental», p. 18). E a actualização volta a ser pungente no poema simbolicamente intitulado «Cassandra e a Troika», com o sujeito a convocar temas que atingem o coração de um espaço marcado pelo sentido da perda e da soberania dividida: «tinha vindo [Cassandra] para avisar que a Troika | é o novo cavalo falso dentro da cidade | os seguranças rodearam-na mas ela falava | seus longos cabelos soltos sob o sol de Lisboa | clamava justiça e dignidade» (p. 15).

Há aqui uma incidência, ao mesmo tempo de invenção e memória, dado que o Autor, como homem do seu tempo, pretende recuperar a História para a sua proposta poética, dando seguimento ao programa de toda a sua obra (13 livros de poesia, para além de romances e contos) e cujo texto exemplar é talvez a colectânea *Atlântico* (1981) com os seus onze

sonetos do 'português errante' e outros poemas de fundo e fundamento épico, alicerçados como estão na ressemantização de temas que afloram os grandes mitos nacionais. No livro agora em análise, e reiterando os pressupostos de uma exegese do 'bairro ocidental', o poeta justifica a sua incursão pelos meandros da História, recusando a hipótese de esta não poder ser objecto de tratamento poético: «[A História] Entrou na pele e ficou lá. Como ser | neutro inespacial intransitivo? [...] manchou de guerra a virgem literatura [...] a História entrou no poema e não tem cura» («E de súbito a História», p. 45).

O novo livro recupera algumas das isotopias recorrentes em toda a obra de Manuel Alegre, para além dos estilemas reconhecíveis, e que fazem parte da sua bagagem poética. Vejam-se, por exemplo, os frequentes oxímoros e expressões como «pegar no poema e disparar» («Arte de pontaria», p. 12), que remete para o «poema como arma» de *O Canto e as Armas* (1967); «o não dentro do sim» («Pátria minha», p. 13) onde ecoa «Tempo de não tempo de sim», da mesma colectânea, ou «Abril de sim Abril de não» (*Atlântico*, 1981), tudo casos que testemunham a intratextualidade como traço de união a ligar globalmente os diversos textos do Autor. Neste aspecto assinala-se ainda o modo de representar o fluxo temporal através de fórmulas identificáveis com a sua poética («escrita | canto a canto»; «noite a noite galoparam»; «pétala a pétala a desfolho», por exemplo), outras tantas invariantes num processo escritural que privilegia a longa melodia da memória. Daí a nostalgia, como ferida insanável, que se inscreve nestes poemas («já não há nautas para as ondas bravas | nem fogo nem revolta nas palavras», «Hora inversa», p. 19), quase um paradoxo para acentuar a condição do «desconcerto do mundo», que é, no fim de contas, a isotopia dominante desta colectânea.